

Yukio Mishima

O TEMPLO  
DA ALVORADA

*tradução e notas de*  
Tânia Ganho

LIVROS DO BRASIL

# PRIMEIRA PARTE

Era a estação das chuvas em Banguecoque. O ar estava saturado com uma chuva miudinha e contínua, e gotículas de água dançavam amiúde num esplendoroso raio de sol. Havia sempre brechas de azul visíveis aqui e ali e, mesmo quando as nuvens se amontoavam, mais espessas, em redor do Sol, o céu era ofuscantemente azul à volta delas. Quando se aproximava uma borrasca, tornava-se negro-funesto e ameaçador. Uma sombra agoirenta cobria a cidade de telhados baixos e predominantemente verde, pontilhada de palmeiras.

O nome da cidade remonta à dinastia de Aiutaia, época em que recebeu o nome *bang*, «cidade», e *kok*, «azeitonas», graças às suas inúmeras oliveiras. Outro nome antigo é Krung Thep, ou «Cidade dos Ângulos». A metrópole, situada menos de dois metros acima do nível do mar, depende por completo de canais para o transporte. Quando se constroem estradas empilhando terra, surgem inevitavelmente canais. E, quando se escava o solo para erigir uma casa, formam-se imediatamente lagos. Esses lagos ligam-se de forma natural através de riachos e, assim, estes «canais» fluem em todas as direções, correndo para as águas-mãe do Menam<sup>1</sup>, luzindo o mesmo tom castanho da pele dos seus habitantes.

No centro da cidade, erguem-se edifícios de estilo europeu, de três pisos e com varandas, e diversas construções de tijolo, com dois e três andares, na concessão estrangeira. As árvores de beira de estrada, outrora a característica mais bonita da cidade, foram derrubadas em alguns pontos para dar lugar à construção da autoestrada e algumas ruas foram parcialmente asfaltadas. Intercetando os intensos raios de sol, as mimosas

<sup>1</sup> Antiga designação do rio Chao Phraya (*me*, «mãe», *nam*, «água»).

formam charcos de sombra profunda nas vias públicas, cobrindo-as com negros véus de luto. Depois de uma trovoadas, as folhas, emurchecidas do calor, reanimam-se de repente e, revigoradas, erguem a cabeça.

A cidade, com a sua prosperidade, faz lembrar algumas povoações da China Meridional. Um sem-fim de riquexós de dois lugares abre caminho pelas suas artérias, com as cortinas baixadas dos lados e atrás. Por vezes, veem-se búfalos dos arrozais perto de Bangucoque conduzidos pelas ruas fora, ainda com corvos empoleirados no dorso. Aqui e ali, a pele luminosa de um pedinte leproso brilha na sombra como uma mancha escura. Os rapazes correm de um lado para o outro, nus, enquanto as raparigas usam uma concha metálica a tapar o sexo. No mercado matinal, vendem-se flores e frutos exóticos. Nas fachadas dos bancos chineses, reluzem correntes de ouro puro, suspensas como gelosias de bambu.

Mas, quando cai a noite, Bangucoque fica entregue à Lua e ao céu pejado de estrelas. À exceção dos hotéis com sistemas elétricos independentes, só as casas dos ricos, que dispõem de gerador, brilham, festivas, de onde em onde. A maioria das pessoas recorre a lamparinas e velas. Uma vela solitária arde pela noite dentro nos altares budistas, em todas as casas baixinhas ao longo do rio, e só o dourado das imagens budistas reluz ao de leve nas profundezas das estruturas com o chão de bambu. Paus de incenso, castanhos e grossos, ardem diante das estátuas. A luz das velas das casas na margem oposta cintila no rio, interrompida pela silhueta de um ou outro barco.

Em 1939 — o ano passado —, Sião alterou oficialmente o seu nome para Tailândia.

A razão por que se costuma chamar Veneza do Oriente a Bangucoque não advém de uma parecença externa entre as duas cidades, que não se podem comparar nem pela sua estrutura, nem pela sua escala. Em primeiro lugar, ambas usam uma profusão de canais para transporte marítimo e ambas albergam muitos edifícios sagrados. Existem setecentos templos em Bangucoque.

Pagodes budistas elevam-se por entre a vegetação e são os primeiros a receber a claridade da alvorada e os últimos a reter os raios do sol-poente, exibindo uma miríade de cores com as mudanças de luz.

Wat Benchamabopit, o Templo de Mármore, construído por Rama V Chulalongkorn, no século XIX, embora seja um edifício modesto, é o templo mais recente e sem dúvida o mais sumptuoso.

O atual monarca, Rama VIII, ou rei Ananda Mahidol, sucedeu ao trono em 1935, aos onze anos, mas depressa foi estudar para Lausana; e, hoje, com dezassete, por lá continua, embrenhado nos estudos. Na sua ausência, Luang Phibun, o primeiro-ministro, assumiu poderes totalitários e, agora, um parlamento nominal serve apenas como órgão consultor. Foram designados dois regentes: o primeiro, o príncipe Achitto Apar, não passava de um elemento decorativo, enquanto o segundo, o príncipe Prude Panoma, detinha o verdadeiro poder.

O príncipe Achitto Apar, budista devoto, visitava sempre, nas horas vagas, um santuário. Certa noite, anunciaram que ele tencionava deslocar-se ao Templo de Mármore.

O edifício erguia-se na margem de um regato bordejado pelas mimosas da rua Nakhon Pathom.

As portas castanho-avermelhadas do Templo de Mármore, protegidas por um par de cavalos de pedra com halos a imitar umas chamas brancas de cristal, ao antigo estilo *khmer*, estavam abertas. De cada lado do caminho de lajes que ia da entrada ao edifício principal, instalados no meio de reluzente relva verde-esmeralda, erguiam-se dois pavilhões de estilo javanês clássico, com o telhado revirado para cima. As mimosas dispersas pelo relvado tinham sido podadas com uma forma arredondada e estavam em flor; nos beirais dos pavilhões, uns alegres leões brancos pisavam chamas.

As colunas brancas de mármore indiano diretamente em frente do edifício principal, o par de leões guardiães de mármore, a balaustrada baixa de estilo europeu e a fachada, também de mármore, refletiam os raios ofuscantes do sol-pôr e formavam uma tela branca e pura que servia para destacar os ricos padrões decorativos de dourado e escarlate.